
As virtualidades e constelações de *Kamen Rider Black Sun*: Como a audiência do Twitter interpreta um herói?¹

João Gabriel Ruiz Nina GRANA²

Luan Correia Cunha SANTOS³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Este trabalho busca compreender as virtualidades e atualizações presentes na imagem do herói *Kamen Rider*, a partir de um estudo de recepção da série *Kamen Rider Black Sun*, lançado em 2022 como uma adaptação da série original *Kamen Rider Black*, de 1987. Para isso, trabalhamos com conceitos de Bergson (1999) para tratar as virtualidades e atualizações do objeto, criando uma cartografia de sentidos a partir das manifestações da audiência expressas na rede social Twitter, com inspirações Benjaminianas. Com isso, buscamos demonstrar os conflitos geracionais e interpretativos que essas atualizações do herói evocam em um contexto de globalização intensificada.

PALAVRAS-CHAVE: *Kamen Rider Black Sun*; Recepção; Ciberespaço; Constelações; Cultura Participativa.

1. INTRODUÇÃO

Através do consumo de obras advindas de diferentes nações, é possível aprender muito sobre seus aspectos culturais, como sua linguagem, costumes e até mesmo suas formas de arte mais tradicionais. Antes, pensar em consumir um filme ou seriado de outro país era diferente, era um acesso mais burocrático e que dependia dos canais comunicacionais televisivos. Hoje no ciberespaço, podemos consumir e conversar sobre qualquer mídia de qualquer país de forma simples e rápida. Um país interessantíssimo de se fazer essa análise é o Japão. Com uma Cultura pop vasta, que reimagina e referencia a si mesma constantemente, existem inúmeras formas de discutirmos a influência social e cultural sobre as mídias passadas e atuais de forma interior e exterior a audiência, principalmente no consumo de um dos super heróis mais icônicos do país, *o Kamen Rider*.

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR, e-mail: jgabriel.grana@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR, email: luanjack@gmail.com.

Em 2022, para comemorar os 50 anos da franquia Kamen Rider, é lançado no streaming “Amazon Prime” a série *Kamen Rider Black Sun*, uma reimaginação da série *Kamen Rider Black* dos anos 1987. O Remake segue a história trágica dos irmãos Kotaro Minami e Nobuhiko Akizuki, nascidos em um eclipse e sujeitos a experimentos que os tornaram mutantes conhecidos como “Kaijins”. 50 anos depois, a sociedade japonesa se encontra em pólvora, a coexistência entre humanos e kaijins está cada vez mais desarmoniosa e com a morte do “Rei da Criação” se aproximando, Kotaro e Nobuhiko são colocados no centro de conspirações e situações que colocarão seus ideais e vidas à prova. No meio disso a história de Kotaro se cruza com a de Aoi Izumi, uma jovem de 14 anos e principal ativista na causa pró-kaijins do país, que tem sua vida transtornada quando começa a ser perseguida pelo Partido Gorgom, tornando-se um empecilho para os objetivos secretos desse grupo.

Ao observarmos a recepção da série nas redes sociais, podemos elencar dois principais movimentos. De um lado, a série é ovacionada como uma grande produção que denuncia os males de uma sociedade extremamente conservadora e preconceituosa, de outro, a série é dita como uma descaracterização da identidade do herói e uma grande tentativa de lacração sem sentido. Mas o que causa esse estranhamento? Seriam as virtualidades que a série incorporou que incomodou a nova audiência? Seriam as questões abordadas?

A série pretende não só reimaginar o popular Kamen Rider Black em sua solitária luta por justiça, mas também trazer reflexões sobre os sistemas político-sociais japoneses. Usando o elemento dos Kaijins na narrativa para mostrar de maneira metafórica como estrangeiros e pessoas de outras etnias são tratados com desprezo no país, desde o distrato social até o fato de existirem estabelecimentos e locais que estrangeiros não podem entrar.

Black Sun é uma série extremamente politizada, tocando em assuntos não só universais mas também expondo os lados mais problemáticos da sociedade japonesa, como a xenofobia, racismo e os crimes cometidos pelas unidades 731⁴ durante a Segunda Guerra Mundial.

⁴ A unidade 731 era o departamento secreto para pesquisas e desenvolvimento de guerra biológica e química. Estima-se que essa unidade matou cerca de 200.000 pessoas durante a Segunda Guerra mundial – <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-que-foi-a-unidade-731.phtml>

Tocando em temas tão sensíveis e sendo uma atualização de outra narrativa, que outrora foi apreciada por uma geração diferente em outro contexto, não só na sociedade japonesa mas como também no Brasil, em que a série original foi um grande sucesso nos anos 90⁵, exibido pela extinta Rede Manchete, *Black Sun* foi recepcionado de forma que dividiu opiniões.

2. Do teatro Kabuki ao Tokusatsu

Tokusatsu é um termo guarda-chuva que se refere a qualquer filme ou série live-action que se utiliza de efeitos especiais, o próprio significado do termo se traduzido ao pé da letra significa “efeitos especiais”. Porém o uso da palavra fora do Japão acabou sendo muito adotado para se referir às produções referentes a obras de super herói e *kaijus* (monstros gigantes).

Uma figura muito importante para os moldes de como o Tokusatsu existe como os gênero hoje é o diretor Eiji Tsuburaya, co-criador do Godzilla. Em 1966, o diretor criaria o personagem responsável por apresentar os heróis japoneses ao mundo, o *Ultraman*. A série original do gigante prateado foi uma das primeiras produções japonesas não só a estrear com cores mas também a primeira a ser exportada para fora do Japão, sendo inclusive transmitida no Brasil. O *Ultraman* acabou se tornando um ícone da ficção científica e cultura japonesa que até mesmo possui sua própria data comemorativa, o dia de 10 de julho é reconhecido como o dia do *Ultraman*⁶.

Em 1972 outro marco na história do *Tokusatsu* acontece, nas páginas da revista *Shonen Jump* surge, por autoria de Shotaro Ishinomori, a história de Takeshi Hongo, um jovem que após ser transformado em ciborgue pela organização maligna S.H.O.C.K.E.R se liberta e decide confrontar os planos dessa organização e se torna o herói trágico

⁵ “O maior sucesso deste pacote certamente é Kamen Rider Black. Criada por Shotaro Ishinomori nas páginas da *Shonen Jump*. Era apresentado comercialmente como “Black Man” e rendeu uma última reprise entre 27 de dezembro de 1993 e 15 de julho de 1994.” -

<https://blogdaileon.wordpress.com/2018/06/05/o-historico-das-series-japonesas-na-extinta-manchete/> .

⁶ “Bom, o dia 10 de julho acabou sendo escolhido como o Dia do Ultraman, pois este foi o dia que o herói surgiu pela primeira vez nas televisões japonesas” -

<https://geekpopnews.com.br/10-de-julho-o-dia-em-que-comemoramos-o-ultraman-day/#:~:text=Ultraman%20é%20um%20dos%20heróis.comemora%20o%20dia%20deste%20personagem.>

conhecido como *Kamen Rider Ichigo*⁷. Mais tarde no mesmo ano o mangá foi transformado em uma série que totaliza 98 episódios, com o roteiro sendo do próprio Ishinomori e distribuída e produzida pela *Toei Company*.

O Kamen Rider se tornou grande e durante toda a Era *Showa*⁸ contou com 9 séries, incluindo o próprio *Kamen Rider Black* e *Black RX*, primeiras e únicas séries de Kamen Rider a serem exibidas na televisão brasileira em 1991. Após o falecimento do criador da franquia, a Toei deixou o motoqueiro mascarado sem novas aventuras até 2000, já na era *Heisei*⁹. Após um longo hiato, a série Kamen Rider Kuuga estreia para comemorar o aniversário da franquia, mas com as altas audiências e vendas de produtos a Toei Company continuou até os dias atuais a produção de novos seriados que continuam o legado de Kamen Rider.

Ishinomori também foi responsável por outro fenômeno que levou o tokusatsu para o mundo, a franquia *Super Sentai*. Iniciado em 1975 com o mangá e série televisiva *Himitsu Sentai Gorenger* e a franquia além de se tornar uma das principais no Japão também tem um importante papel na difusão cultural. Em 1992 os estúdios Saban adquiriram os direitos de imagem e distribuição de *Super Sentai* fora do Japão, mas invés de simplesmente localizar *Kyouryu Sentai Zyuranger*¹⁰ através de uma dublagem, foi feita uma adaptação nos padrões americanos da série, e assim surgiu um fenômeno dos anos 90 e que perdura até os dias de hoje, *Power Rangers*.

A dinâmica para um Super Sentai se transformar em *Power Rangers* consistia em se utilizar de gravar uma história nova por cima do material original e reutilizar as cenas de ação e figurinos dos heróis já utilizados no Japão, assim também tornando possível a comercialização de brinquedos através de um acordo comercial lucrativo entre a empresa japonesa Bandai e a Americana Saban, que vendeu esses direitos e hoje em dia o acordo é firmado com a gigante do ramo dos brinquedos Hasbro.

Para entender melhor as virtualidades e materialidades que permeiam *Kamen Rider Black Sun* enquanto um objeto de mídia temos que voltar para antes de 1987 com *Kamen Rider Black* e antes mesmo de 1972, quando Shotaro Ishinomori lança o mangá

⁷ O personagem recebe a nomenclatura *Ichigo* (número 1) pois na série, devido a um acidente com o ator que interpretava Takeshi Hongo, é introduzido o personagem Hayato Ichimonji, que o substitui e assume o nome de *Kamen Rider Nigo* (número 2).

⁸ Período que demarca o governo do Imperador Norihito, entre 1926 e 1989.

⁹ Período que demarca o governo do Imperador Akihito, entre 1989 e 2019.

¹⁰ Série *Super Sentai* que foi exibida durante aquele ano, foi a décima sexta série da franquia e que foi adaptada para ser a primeira série da franquia Power Rangers.

Kamen Rider que dá início a franquia. Devemos voltar para Período Tokugawa no Japão, que foi o Xogunato em vigor na Terra do Sol nascente entre 1603 e 1868. Durante essa época estava em atividade a medida do Sakoku, que deixou o Japão completamente fechado ao Mundo exterior durante cerca de 200 anos.

Mas o que exatamente os heróis coloridos vestindo roupas chamativas e fazendo poses excêntricas tem haver com a cultura japonesa e o Período Tokugawa? Foi durante essa época de reclusão que a produção artística e cultural estava sendo incentivada ao máximo pelo governo, querendo exaltar sua religião, sua cultura e seus heróis. Com o surgimento dessas artes voltadas ao nacionalismo e erudito japonês que entrou em ascensão seu contraponto, o teatro *Kabuki*. Sendo totalmente o oposto do teatro *Noh*, que seguia o padrão de exaltar toda a proposta incentivada pelo governo da época, o *Kabuki* surge como uma arte excêntrica, buscando um espetáculo grandioso e subversivo, repleto de expressões físicas.

E aqui o *Tokusatsu* se encontra com o *Kabuki*, pode-se até dizer que o gênero trata-se de uma evolução natural desse teatro, ambos se baseiam na sua excentricidade e seus exageros fantásticos. As séries de *Tokusatsu* absorveram muito das técnicas do *Kabuki*, como o *Mieh*, o momento de pausa dramática para determinada cena chave, seja ela dramática ou apenas para algum personagem fazer sua pose característica (A CULTURA..., 2020).

O *Mieh* junto do uso do *Hanamichi*, uma extensão do palco que passava pelo meio da plateia para os atores fazerem suas entradas e saídas, criavam momentos para a chegada triunfal de um personagem, em que ele exibia suas vestimentas chamativas, fazia sua pose e se apresentava falando seu nome e proezas. O *Tokusatsu* transformou esse momento na hora da transformação do herói, geralmente na franquia *Kamen Rider* e *Super Sentai* os heróis têm o mesmo processo de cena, em que exibem suas roupas e armaduras chamativas, fazem sua pose e se apresentam de forma extravagante, momento esse que recebe atualmente o nome de *Roll Call* (A CULTURA..., 2020).

Voltando para os dias atuais, *Kamen Rider* em 2022 completou 50 anos e para a comemoração foram anunciados 3 projetos: A série animado “*Fuuto Pi*”, que continua os eventos de *Kamen Rider W* de 2011, o filme *Shin Kamen Rider*, que é uma releitura da série e mangá que iniciaram tudo e também a série de 10 episódios *Kamen Rider Black Sun*, releitura de *Kamen Rider Black*.

Black Sun é uma série interessante, focando mais no drama e na trama humanitária, muitas vezes é comum o espectador esquecer que se trata de uma série de super-heróis, porém ao mesmo tempo que está se afastando do *Tokusatsu* padrão também faz parte dele e o homenageia. Mesmo numa série que pretende ser mais “realista” ainda é possível notar as características de seu gênero original e do Teatro, como a importância da performance e expressão corporal e a clássica cena de transformação com direito à poses características para o herói principal e seu rival.

Não só isso, mas é importante notar como intrinsecamente as raízes mais antigas e tradicionais do *Tokusatsu* estão no *Kabuki*, uma arte que surgiu para o povo e que servia como uma forma de criticar o governo e sistema político da época e essa tradição se levou junto. O primeiro *Kamen Rider* já discutia política e ambientalismo, afinal o próprio Shotaro Ishinomori era um militante político e ambientalista, a franquia nunca escapou de discutir pautas sociais de cada época mas sempre fazendo o uso de subtextos, visto que são pensadas para serem exibidas no domingo de manhã para crianças.

Black Sun é destinado para um público adulto, então suas críticas e metáforas são bem mais diretas, *kaijins* são basicamente a figura dos imigrantes que sofrem extrema xenofobia no Japão, sofrendo ostracismo social e são até proibidos de entrar em determinados locais. A série em certo momento até desliga sua metáfora, no episódio final da série ocorre uma cena de uma criança estrangeira segurando um cartaz com uma mensagem de aceitação aos estrangeiros enquanto logo a frente dela está ocorrendo um protesto contra eles, criando um paralelo com o resto dos episódios de *Black Sun* que constantemente mostrava protestos anti-kaijin enquanto os *Kaijins* também lutavam por seus direitos.

Também ocorre uma alusão histórica na série, quando é explicado como os *kaijin* surgiram como experimentos de uma unidade secreta de desenvolvimento biológico para a Guerra, no objetivo de criar super soldados. Aqui, a série casa a ficção com um caso real dos crimes cometidos pela unidade 731, o departamento secreto para pesquisas e desenvolvimento de guerra biológica e química. Estima-se que o departamento tenha matado entre 200.000 e 300.000 pessoas durante o período da Segunda Guerra Mundial através dos mais cruéis tipos de tortura e experimento, indo desde congelamento até o desenvolvimento de armas químicas.

3. HENSHIN! As materialidades e Virtualidades que transformam o herói

Quando propomos um estudo sobre a recepção da atualização de uma série, passamos por alguns conceitos-chave para compreender a forma como a audiência se relaciona com ela. Podemos compreender atualização como um movimento de trânsito entre um elemento do seu modo virtual para o modo atual (SANTOS, 2020). Desta forma, o objeto passa a ser aquilo que se materializa, que ganha forma no mundo, e tudo que pode ser materializado, pode ser encontrado em seu estado virtual (BERGSON, 1999).

Sendo assim, *Kamen Rider Black*, de 1987, possui as virtualidades da versão *Kamen Rider Black Sun*, de 2022, sendo esta última a materialidade das potenciais virtualidades que a série poderia seguir.

Segundo Deleuze (1999), esse processo de atualização passa por acessar o objeto de estudo em seu estado virtual –enquanto algo passível de ser colocado em prática, mas que só se expressa em campo teórico, para o ponto em que o autor denomina de “viravolta”, em que ocorre a inflexão do objeto, que transita entre o virtual e o atual –seu estado materializado. Tratar de uma atualização é falar sobre trânsito, não pensar o ser, mas o estar. Dar ênfase nas temporalidades expressas neste processo.

Para compreender os tensionamentos e as disputas de narrativas por parte da audiência sobre a série, elaboramos uma cartografia dos comentários expressos no Twitter sobre a mesma. Partimos da cartografia não como um mapa fechado, mas como um desenho, um movimento metodológico que, sendo flexível, é capaz de acompanhar os processos comunicacionais em torno da pesquisa, tomando o próprio processo como objeto de estudo (AGUIAR, 2008; SANTOS, 2020; ROLNIK, 1987; KASTRUP, 2007).

Na construção desta cartografia, nos inspiramos no movimento de Flâneur, de Walter Benjamin, e a partir dele, coletamos fragmentos desta recepção, para a construção de constelações de sentido sobre a recepção da série.

Benjamin propõe um movimento de um Flâneur pela cidade, ou seja, ele anda vagando pela Paris em sua urbanização no século XIX e enquanto um ocasional espectador das mudanças que os avanços industriais trazem também busca os pontos “sujos” da cidade (CANEVACCI, 1998). Observando a ruptura entre as evoluções do

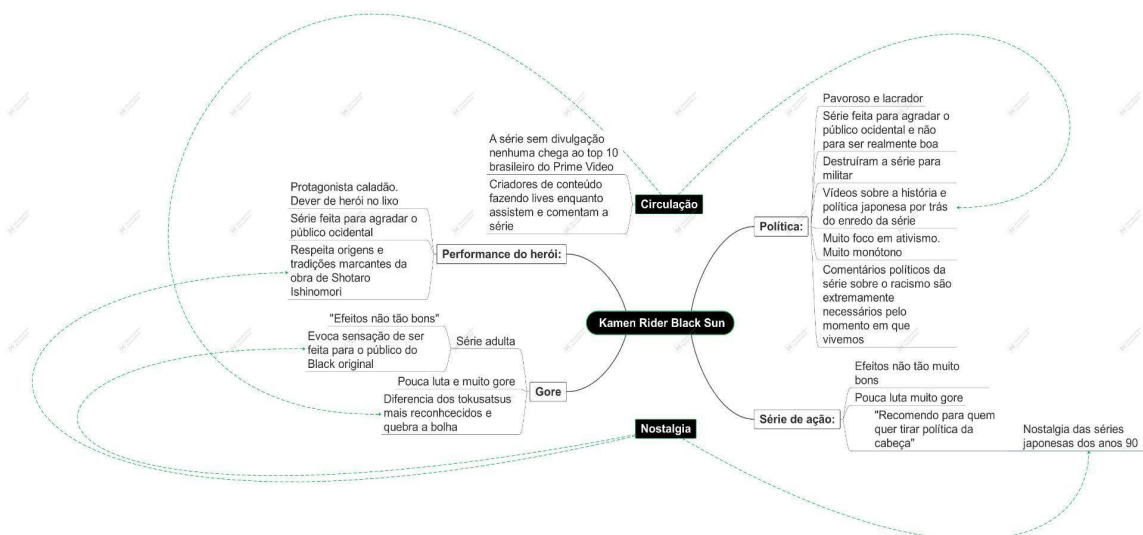
progresso e as mazelas sociais que afligem a época, elencamos as estrelas que formam as constelações benjaminianas como os sentidos sociais e culturais vividos pela sociedade durante aquele período.

Walter Benjamin foi o Flâneur que tratou de observar as ruas de Paris. Para este trabalho seremos o Flâneur do ciberespaço, mais precisamente do Twitter. Observando as rupturas sociais e culturais criadas na recepção de *Kamen Rider Black Sun*. Os comentários que interpretam *Black Sun* como uma produção com uma forte e necessária mensagem política para os dias de hoje ou uma desfiguração simbólica do Kamen Rider serão as nossas ruas caóticas que planam entre extrema riqueza e pobreza parisiense no século XIX.

Com base nas teorias de Walter Benjamin, podemos enxergar o objeto de estudo a partir de uma grande constelação de sentidos, formada através da forma que diversas camadas de audiência interpretam determinado conteúdo com base em aspectos socio-culturais (CANEVASSI, 1998). Esse trabalho tem como foco analisar a recepção de *Kamen Rider Black Sun* através das diferentes percepções da audiência. Isso levando em conta os conflitos geracionais que ocasionam diferentes referências para a recepção.

As constelações de sentido da série deste trabalho foram montadas a partir da análise de comentários ao redor do twitter, pegando os principais tópicos de discussão sobre a série e formando as constelações de acordo com a recepção desses aspectos que se dividem e até mesmo se convergem entre: Política, performance do Herói, série de ação, gore, nostalgia e circulação.

Imagem 01: As constelações de sentido de Kamen Rider Black Sun



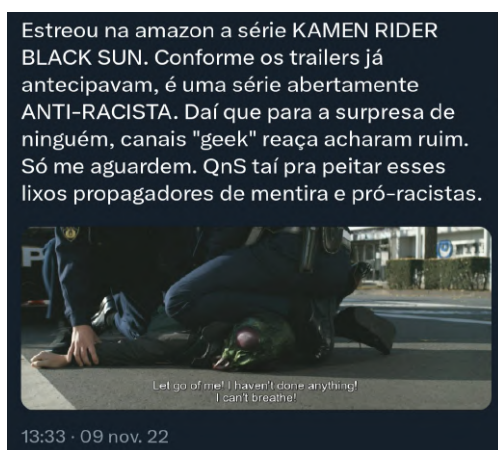
Fonte: Os autores.

4. As constelações das disputas de significado da série

Montando as constelações de *Kamen Rider Black Sun*, podemos separar quatro grandes pontos que se interligam e resultam em outros dois pontos que são os pilares da recepção da série. Muito se foi comentado durante a primeira semana de estreia da série sobre os aspectos políticos, a performance do protagonista enquanto um “herói”, a ação presente na produção assim como o gore que é muito utilizado em diversos momentos. Cada um desses pontos da constelação tem suas divergências e convergências, opiniões dentro desse elemento que são positivas e negativa. Esses 4 elementos representam a maior parte da força e comentários que *Black Sun* recebeu e acabam se convergindo em outro elemento que se torna um dos principais pilares da Recepção da série, a Nostalgia.

4.1 POLÍTICA, PARTIDO GORGOM E ATIVISMO

Imagem 02 e 03: Comentários sobre os temas políticos da série



Fonte: Twitter.

A política é um ponto é muito presente ao redor da série e que causou grande parte das discussões dentro do ciberespaço, alguns dizem ser uma parte e mensagem importante da série enquanto outra parcela da audiência acha apenas chato e que quebra a imersão e enviesado, chegando a ser “pavoroso e lacrador”.

Black Sun denuncia preconceito e também a ineficiência com que muitos governantes a combatem, alguns até utilizando essa parcela injustiçada da sociedade

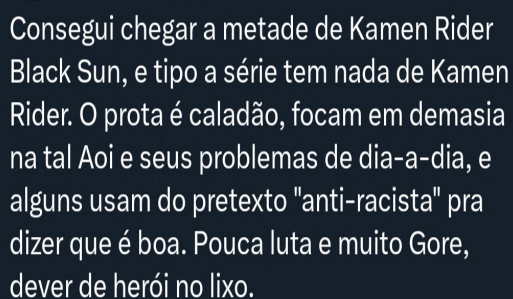
como massa de manobra para alcançar determinados objetivos. Existem cenas da série que fazem alusões a casos famosos de racismo, como uma cena do episódio dez que faz alusão ao caso George Floyd, na cena um *Kaijin* está no chão sendo sufocado por um policial enquanto grita “Eu não fiz nada, eu não consigo respirar”.

A série também trabalha com a questão dos movimentos ativistas, a própria protagonista feminina, Aoi Izumi é uma ativista e alusão à Greta Thunberg, que explodiu como uma figura conhecida aos 14 anos em 2018 quando discursou na ONU em prol de causas ambientais.

Neste ponto a audiência discute as questões políticas de forma que transita entre parte que compreende a forma que a narrativa trabalha essa temática está tentando de fato criticar e trazer uma reflexão para o público, enquanto também, há quem compreenda essas discussões como monótonas, enviesadas e que fazem parte de um discurso “lacrador” e que não está tentando contar uma boa história mas agradar uma parcela do público e suas ideologias.

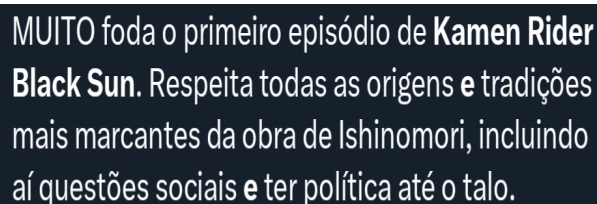
4.2. Performance do herói e o significado de ser um Kamen Rider

Imagem 04 e 05: Comentários sobre a performance do herói



Consegui chegar a metade de Kamen Rider Black Sun, e tipo a série tem nada de Kamen Rider. O prota é caladão, focam em demasia na tal Aoi e seus problemas de dia-a-dia, e alguns usam do pretexto "anti-racista" pra dizer que é boa. Pouca luta e muito Gore, dever de herói no lixo.

17:30 · 18 nov. 22



MUITO foda o primeiro episódio de **Kamen Rider Black Sun**. Respeita todas as origens e tradições mais marcantes da obra de Ishinomori, incluindo aí questões sociais e ter política até o talo.

2 2 44

Fonte: Twitter.

Kotaro Minami, o próprio *Kamen Rider Black Sun*, é um personagem completamente diferente na série original de 1987 e no remake de 2022. Em sua primeira versão um jovem determinado e com forte senso de justiça, na releitura Kotaro é um homem de idade e cansado, que após passar por tantas perdas acabou perdendo sua fé num futuro melhor, ao mesmo tempo que não se contenta com a forma que o mundo em que está inserido funciona. Até determinado ponto da série, o protagonista é

quieto e que age de forma passiva aos acontecimentos da narrativa, até o momento em que sofre o ponto de virada e então decide tomar as rédeas da ação.

A audiência aqui se divide em 2, aqueles que enxergam Kotaro de *Black Sun* como uma desconfiguração da figura original do *Kamen Rider Black* e uma desvirtualização do que representa um herói, enquanto a outra metade interpreta Kotaro como um atualização do modelo de heróis clássicos que Shotaro Ishinomori escrevia, geralmente como figuras trágicas. Esse ponto traz a reflexão de como podemos enxergar um herói? O que exatamente é um herói? Como essa figura pode ser representada?

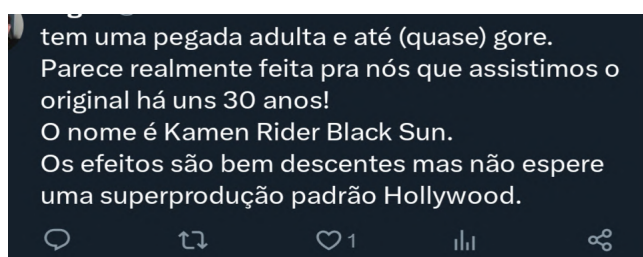
Desde 1972 existem personagens que carregam o título de Kamen Rider e muitas vezes tinham comportamentos e formas de lidar com o heroísmo muito distintas. O primeiro *Kamen Rider*, Takeshi Hongo, era um solitário que buscava enfrentar sozinho seus inimigos a S.H.O.C.K.E.R em uma cruzada que levaria sua vida inteira e não se importava com juízos de valor sobre justiça ou paz, apenas queria defender a vida humana e sua bondade. O personagem Shinji Kido, protagonista de *Kamen Rider Ryuki*, era um pacifista e evitava conflitos com outros *Kamen Riders* mesmo estando em meio a uma batalha entre eles em que apenas 1 sobreviveria, ele tinha um senso de responsabilidade de que seu poder deveria ser usado por um bem maior e proteger os mais fracos invés de lutar por motivos egoísta.

E agora chegamos em 2022 com um protagonista que assim como a audiência está buscando subverter e entender quais valores de um herói, pelo que ele deve lutar e como. Kotaro está em busca de esperança e encerra um ciclo fadado a se repetir eternamente caso não faça mais nada a respeito.

Muitas são as facetas que essas figuras podem representar, então é difícil dizer quais caminhos possam seguir e mais difícil ainda dizer se há um único caminho a se seguir para representar essas figuras.

4.3. Série de ação

Imagem 06: comentário sobre o aspecto da ação e uso de violência na série



Fonte: Twitter.

O ponto da produção se tratar de uma série focada em ação também trouxe pontos interessantes de discussão dentro da audiência que utiliza do twitter para expressar suas opiniões, alguns se utilizam disso e criam uma camuflagem que limita a série como uma produção puramente de ação e nega seus temas políticos e sociais, com internautas até mesmo dizendo ser bom para quem quer tirar esse tipo de assunto da cabeça.

Também surge de forma interessante uma recuperação da sensação das séries japonesas dos 90, como do próprio *Kamen Rider Black* e da série *Jiraya*, que também foi um *tokusatsu* extremamente popular no Brasil nessa década. É significativo pensar nessa questão nostálgica a partir da coreografia de ação uma vez que o *Tokusatsu* é um tipo de produção que se utiliza muito de performances extravagantes e da linguagem corporal e por mais que *Black Sun* em certos momentos se afaste da fórmula padrão de um *Tokusatsu*, ainda contém várias das materialidades clássicas que definem o gênero.

4.4. Gore

Imagem 07 e 08: Comentários reagindo sobre o gore e outras reflexões sobre a série

Eu que quase nunca vi nada: ah pq né tokusatsu é algo mais jovem/infantil né e tal meio bobo tipo power rangers

Kamen Rider Black Sun: tripas, racismo, assassinato, seita, corrupção, gente partida no meio

Eu to chokita

Consegui chegar a metade de Kamen Rider Black Sun, e tipo a série tem nada de Kamen Rider. O prota é caladão, focam em demasia na tal Aoi e seus problemas de dia-a-dia, e alguns usam do pretexto "anti-racista" pra dizer que é boa. Pouca luta e muito Gore, dever de herói no lixo.

17:30 · 18 nov. 22

Fonte: Twitter.

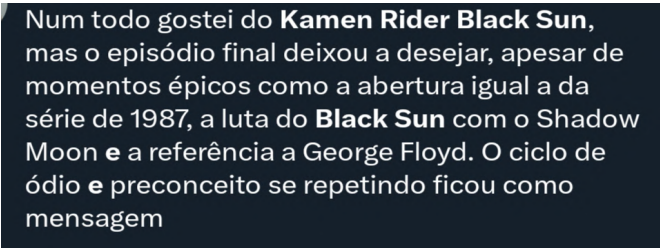
A violência extrema utilizada na série foi um ponto que se encontrou com a questão dos comentários sobre a série, evocando novamente uma sensação nostálgica mas em um sentido de crescimento, com a audiência interpretando esse recurso da série como um jeito de demonstrar que assim como a criança que assistia *Kamen Rider Black* em 1991 cresceu e enfrenta um mundo mais complexo e agressivo, o mesmo ocorreu com o herói em sua mais recente adaptação.

Um ponto interessante levantado também é a questão dos próprios efeitos gráficos usados na série que foi apontada com uma qualidade não muito acima da média, e novamente é interessante associar isso como uma materialidade de gênero *Tokusatsu*. Geralmente as séries desse gênero se concentram em seus efeitos práticos e figurinos e como são produções são normalmente de baixo orçamento seus efeitos que dependem de computação gráfica costumam ser de uma qualidade não tão alta.

Essa dificuldade geralmente é usada pela direção de 2 formas, ou utilizar para o humor se aceitando como algo mais *trash* ou então misturar a performance com a criatividade para tornar o uso desse CGI menos polido em algo criativo e performático.

4.5. Nostalgia

Imagem 09: Comentário que evoca a nostalgia de Kamen Rider Black



Num todo gostei do **Kamen Rider Black Sun**, mas o episódio final deixou a desejar, apesar de momentos épicos como a abertura igual a da série de 1987, a luta do **Black Sun** com o **Shadow Moon** e a referência a George Floyd. O ciclo de ódio e preconceito se repetindo ficou como mensagem

Fonte: Twitter.

A performance do herói, o gore e a ação convergem e evocam um dos pilares da constelação de sentidos da recepção de *Black Sun*, a nostalgia. Quando pensamos que *Kamen Rider Black Sun* é uma releitura, a questão da nostalgia é esperada e acontece de forma interessante.

Primeiro temos a evocação da forma que Shotaro Ishinomori escrevia seus personagens, como heróis trágicos que superavam sua tristeza e lutavam por um bem maior e rodeados com pautas não só filosóficas sobre a humanidade mas também com pautas políticas sociais, afinal como já citado Ishinomori era ambientalista e a própria S.H.O.C.K.E.R era uma alusão a grupos nazistas infiltrados na sociedade. Uma nostalgia dos fãs mais assíduos da franquia para o legado de cerca de 50 anos da franquia.

Também houve a nostalgia da geração que assistiu a *Kamen Rider Black* na Televisão por meio da extinta Rede Manchete, enxergando o uso de violência e os temas mais maduros da série como uma forma de dizer que assim como a audiência

amadureceu, seu herói de infância também, enfrentando agora um mundo mais sombrio e complexo.

5. Considerações finais

Para compreender a existência e influência de *Kamen Rider Black Sun* em meio ao mundo atual precisamos olhar diretamente para o ciberespaço, onde as discussões e reflexões sobre esse objeto comunicacional irão ocorrer. Podemos destacar como a cultura participativa e dos fandoms (FECHINE, 2014) é interessante quando se olha para essa série, tanto pela forma como a distribuição dela teve um *marketing* muito voltado somente para seu país de origem, onde nem se tinha a total certeza se seria oficialmente distribuída para mundo afora até que chegou o dia de lançamento, mas, mesmo assim, a força de circulação (FAUSTO NETO, 2007) que teve dentro de seu fandom e a força que as discussões sobre ela a fizeram sair da bolha.

O Caos cartográfico de Erick Felinto (2007) também ajuda a entender várias questões que permeiam o objeto, principalmente a ideia de que o excesso de informação que pode ser divulgada dentro do ciberespaço cria diversas visões sobre um mesmo objeto ou cultura, sendo difícil ter uma visão concreta sobre o mundo. *Kamen Rider Black Sun* bebe dessa fonte ao mostrar o lado preconceituoso e hostil do Japão, um país que mundo afora se vende como uma nação perfeitamente organizada e harmoniosa.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Canal Ilha Kaiju. “KAMEN RIDER BLACK SUN”, histórica política japonesa e os crimes da Unidade 731. Youtube, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/GXAFHASym18>. Acessado em: 1 abr. 2023

Canal Qualquer Coisa. A Cultura Japonesa no Tokusatsu. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fY7LoOlo_84. Acesso em: 1 abr. 2023.

Canal Qualquer Coisa. A Real diferença de Power Rangers para Super Sentai. Youtube, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/sSB5qsrsZQY>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CANEVACCI, Massimo. **Cidade Polifônica**. 1. ed. Studio Nobel, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Bergsionismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. Revés na Mídiação. In: SAID, Gustavo; XAVIER, Monalisa (orgs). **Comunicação, Identidade e Subjetividade**. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2017.

FECHINE, Yvana. Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. **Revista Contracampo**, v.31, n.1, 2014.

FELINTO, Erick. “Sem Mapas para esses Territórios”: a Cibercultura como Campo de Conhecimento. In: **Revista Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, Santos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0770-1.pdf>. Acessado em: 10 abr. 2023

NAGADO, Ale. **Shotaro Ishinomori - Rei do Mangá**. Blog Sushi POP, 2022. Disponível em: <https://www.blogsushipop.com/post/shotaro-ishinomori> .

SANTOS, Luan Correia Cunha. A Estética da Podosfera Brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível. In: **Revista Iniciacom**. V. 9. N. 3. São Paulo: Intercom. 2020.

SOUZA, Ivan de. **Eiji Tsuburaya: saiba tudo sobre o pai de Ultraman e Godzilla!** Tokublog, 2019. Disponível em: <http://tokusatsu.blog.br/eiji-tsuburaya/> .

VARGAS, Alexandre Linck. ANTI-RACISTA E CONTRA A MONARQUIA! O polêmico Kamen Rider Black Sun. Youtube, 17 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MhD7tMWLdxw> . Acessado em: 1 abr. 2023

VARGAS, Alexandre Linck. MOTOQUEIRO ANTIFASCISTA? Kamen Rider e a política das imagens. Youtube, 30 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CIOJNLLdgzs> . Acesso em: 1 abr. 2023.